ISSN: 2358-8829

XENUPRE TIANA NOIEM KINO[1]: O RESGATE DA IDENTIDADE E DA MEMÓRIA INDÍGENA NA PERSPECTIVA DESCOLONIAL

Maria Alcione Gonçalves da Costa[2]
Emerson Luan Gomes Andrade[3]
Letícia Vitória Gonçalves Coelho [4]
Renata de Souza Francisco[5]

6

INTRODUÇÃO

O início da nossa história[7], enquanto povos originários, é marcado por incertezas e imprecisão, porém de uma coisa não temos dúvidas: nossa história não começa com a invasão dos portugueses em 1.500 e, tampouco, nossas histórias reduzem-se à narrativa oficial/oficiosa contada a partir da perspectiva do colonizador que, desde então, se estruturou em torno da deslegitimação dos nossos modos de existência e do apagamento da violência institucional do Estado brasileiro no processo de invasão dos territórios indígenas e, consequentemente, no processo violento de imposição da homogeneização da identidade nacional. Processo esse marcado pela repressão das subjetividades dos povos colonizados e pela imposição da língua, da cultura, da identidade e dos valores eurocêntricos (Quijano, 2005).

Essa relação violenta do Estado brasileiro com os povos originários, infelizmente, não é isolada e episódica, mas estrutural e permanente, e não se deu de modo diferente com os povos indígenas Xukuru que habita(va)m o município de Pesqueira e de Porção em Pernambuco, em um conjunto de montanhas conhecido como Serra do Ororubá. A

[1] A tradução aproximada para a língua portuguesa é “o indígena vem pra falar’.
[2] Doutora pela Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco- PE, alcione.costa@afogados.ifpe.edu.br.
[3] Estudante do Médio Integrado do Instituto Federal de Pernambuco - PE, luangomes0091@gmail.com.
[4] Estudante do Médio Integrado do Instituto Federal de Pernambuco - PE, coelholeticia634@gmail.com.
[5] Doutora em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). renata.francisco@afogados.ifpe.edu.br.

[7] A escrita do texto na 1ª pessoa do plural é justificada pelo fato de uma de nossas autoras ser indígena Xukuru e os demais autores se inscreverem como aliados dessa (re)construção da história na perspectiva descolonial.

ISSN: 2358-8829

região é, historicamente, marcada por uma série de conflitos e por disputas territoriais resultantes do processo de colonização que, segundo (Fialho, 1992, *apud* Magalhães, 2017, p.8), iniciou-se oficialmente em 1654, quando o rei de Portugal D. João IV assinou um "Alvará de Concessão ao fidalgo João Fernandes Vieira da sesmaria de dez léguas de terra em redondo, a contar do último morador que se achasse para as partes de Santo Antão, em Pernambuco".

Assim sendo, o presente trabalho surgiu da inquietação a respeito do apagamento histórico dos aspectos linguísticos, educacionais, religiosos e culturais dos povos originários, resultado do processo de dominação e opressão marcado pela imposição dos valores culturais eurocêntricos, dentre os quais destacam-se a imposição da Língua Portuguesa como língua materna dominante e da religião cristã, negando e silenciando as diversas línguas e religiões indígenas até então existentes.

Diante desse cenário de apagamento das línguas e, consequentemente, das identidades e das culturas indígenas, o presente trabalho, que está fundamentado na perspectiva descolonial, tem como objetivo central (re)conhecer e compreender a história dos povos Xukuru, sob a ótica dos povos indígenas, contribuindo para a visibilidade de suas memórias, de suas culturas e de suas identidades. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo nas aldeias Pedra D'água e Santana, pertencente ao território dos povos Xukuru, por meio da qual foi possível entrar em contato com aspectos relacionados à cultura, à língua, à religião e à educação desses povos. Para a realização da pesquisa privilegiou-se os métodos qualitativos, tais como entrevista semiestruturada e observação participante. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1998, p. 24) "[...] 'observação participante', o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação".

A partir desses instrumentos metodológicos, verificou-se que há poucos registros memoriais e documentais sobre a língua brobo, língua originária do povo Xukuru e de sua história anterior à colonização portuguesa no território durante o final do século XVI. Em contrapartida, as práticas educativas voltadas para a valorização de aspectos

ISSN: 2358-8829

relacionados à cultura e à religião como o toré[8], o samba de coco, assim como a realização anual da Assembleia Xukuru são indícios da luta e da resistência de nosso povo, perpetuando e transmitindo nossa ancestralidade de geração a geração, mantendo viva a identidade e a cultura do povo Xukuru.

Com isso, espera-se que o trabalho contribua para o processo social de desmistificação de preconceitos sobre os aspectos da educação e da cultura indígena como danças, rituais e religião, colocando em evidência a pluralidade cultural do Brasil e resgatando a memória do povo Xukuru que, historicamente, tem sido silenciada e oprimida pelos processos históricos de domínio territorial e cultural.

METODOLOGIA

A presente pesquisa, que é de natureza qualitativa, foi desenvolvida por meio de uma pesquisa de campo realizada no território Xukuru de Ororubá em Pesqueira/PE, a qual se organizou em torno de quatro eixos temáticos: educação, língua, religião e cultura. Para tanto, realizaram-se três visitas ao território indígena, por meio das quais foi feito o levantamento de dados, utilizando técnicas de pesquisa como observação participante, aplicação de questionário e duas entrevistas semiestruturadas. Antes de cada entrevista, foi elaborado um roteiro prévio com as questões norteadoras de cada entrevista, as quais foram definidas com o intuito de ampliar o olhar dos pesquisadores sobre aspectos relacionados aos eixos temáticos da pesquisa: educação, língua, religião e cultura,

Durante a primeira visita ao território Xukuru, entrevistamos a professora Marciene Olegário da Silva e o Presidente da Câmara dos Vereadores Guilherme Araújo Marinho Magalhães, ambos indígenas Xukuru, os quais nos apresentaram aspectos do funcionamento da educação indígena e do processo de resgate da língua brobo, língua materna do povo Xukuru, dentro do espaço escolar. Processo esse que se efetiva através da inserção dos conhecimentos e das práticas ancestrais na formação educacional, a exemplo do resgate de vocábulos indígenas para nomear objetos e árvores presentes no cotidiano estudantil. Ainda na primeira visita, foi pontuado pelo vereador Guilherme Araújo o desafio do povo Xukuru de preservar suas práticas culturais, como os rituais religiosos, devido ao preconceito social, historicamente alimentado pela

[8] O toré é um ritual de caráter religioso realizado pelos povos Xukuru para acessar e pedir forças aos Encantados.

ISSN: 2358-8829

criação/circulação de *fake news* bem como por articulações políticas e econômicas que desfavorecem e/ou prejudicam a integridade física, cultural e histórica do povo. Nesse sentido, o vereador ressaltou a importância da participação política de indígenas Xukuru, por meio da ocupação de cargos políticos de poder na comunidade. Participação essa que, segundo ele, deve ser guiada pelo princípio da coletividade e pelo respeito tanto à ancestralidade quanto às diferenças.

Na segunda visita ao território, participamos da 26° Assembleia do povo Xukuru do Ororubá, realizada todos os anos entre os dias 17 a 20 de maio, no Espaço Mandaru, Aldeia Pedra d'água, que teve como tema "Limolaygo Toype: a cada guerreira que se levanta, nossa luta se fortalece." Esse momento caracterizou-se como uma rica oportunidade para entrar em contato com aspectos da cultura do povo Xukuru, através das diversas atividades desenvolvidas durante o evento, dentre as quais destacam-se as palestras ministradas pelas mulheres Xukuru, a realização do toré, as rodas de conversa na Casa das Sementes sobre o uso medicinal de plantas e raízes na medicina tradicional do povo, as produções audiovisuais elaboradas pelos próprios indígenas, a roda de coco e a apresentação do Teatro Mandaru. Esta última retrata a trajetória do antigo cacique Xicão, cuja luta em defesa dos direitos do povo Xukuru culminou em seu assassinato, tornando-se um importante símbolo de resistência e preservação da identidade cultural do povo.

Na terceira visita, entramos em contato com as práticas educativas desenvolvidas pela professora Marciene Olegário da Silva na Escola Indígena Capitão Juvenal, localizada da Aldeia Santana, assim como pudemos ter acesso aos materiais produzidos por ela para trabalhar com as crianças os saberes específicos (conhecimentos, práticas e valores do povo Xukuru) articulados com os saberes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Durante a visita, foi possível perceber a riqueza do trabalho pedagógico da professora Marciene que, de forma planejada e lúdica, demonstrou o seu comprometimento com a garantia do direito à educação escolar diferenciada para a comunidade escolar do território Xukuru, conforme define a Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica.

REFERENCIAL TEÓRICO

ISSN: 2358-8829

Durante muito tempo, o imaginário social brasileiro dominante foi determinando pela narrativa da colonização de nosso país construída a partir da perspectiva tradicional ou positivista, que concebe a história como uma ciência do passado, cabendo ao historiador, de forma neutra e objetiva, reconstituir os acontecimentos da forma como eles "realmente" aconteceram (Burker, 1992). Isso significa dizer que a história (re)constituída, pelo viés tradicional, desconsidera uma questão central de nossa existência: os fatos são vividos e recriados a partir de lugares sociais diferentes, logo a história de um mesmo acontecimento pode e deve ter narrativas distintas.

Porém, não basta (re)conhecer que a história pode ser vista e/ou contada de modos diferentes, é preciso compreender por que, mesmo após o "fim" do processo de colonização, ainda hoje a narrativa do colonizador continua sendo (re)produzida de forma predominante enquanto as histórias de violência vividas pelos povos originários continuam sendo silenciadas e, pior do que isso, continuam sendo reproduzidas no território brasileiro.

Para tentar responder a essa questão central, pode-se recorrer aos estudos de Aníbal Quijano (2005) que, ao analisar o padrão de poder colonial na América Latina, afirma que existem dois processos históricos que se estabeleceram como eixos centrais desse padrão de poder. Nos termos do autor:

> Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na idéia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa idéia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, conseqüentemente, foi classificada a população da América, e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder. Por outro lado, a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial (Quijano, 2005, p. 117.

Sob esse viés, percebe-se que a concepção da existência de uma superioridade de raça (eurocentrismo) atrelada à ideia de que o capital deve determinar as relações de trabalho (capitalismo) são as bases que sustentam, ainda hoje, o padrão de poder colonial que tem controlado o modo de ser e de saber a nível mundial. Ao definir o modelo de sociedade eurocêntrica e capitalista como o padrão, o modelo a ser (per)seguido, nega-se os modos de existência e de saber que não se ajustam ao capitalismo e à cultura ocidental e, como consequência disso, naturaliza-se, em grande medida, as relações de violência do Estado e das elites dominantes com os povos originários que, infelizmente, continuam

ISSN: 2358-8829

sendo vistos como raça inferior, ou até mesmo desumanizados para justificar esse estado de permanente violência.

Disso decorre a urgência em se pensar a história, ou melhor, as histórias de nossos povos, a partir do pensamento descolonial, ou seja, a partir de uma perspectiva que reconheça e valorize outros modos de ser e de saber para além do padrão de poder hegemônico colonial. Isso porque o pensamento descolonial permite-nos olhar e reconstituir a história a partir de um lugar fronteiriço, exterior e plural, reconhecendo e respeitando os diferentes modos de existências, os diferentes saberes e as diferentes culturas. Nas palavras de Mignolo (2008. p. 241): o "pensamento descolonial é uma opção (descolonial) de coexistência (ética, política, epistêmica). Não de coexistência pacífica, mas de conflito que reclama o direito de re-existência em todas as ordens do pensar e do viver".

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das práticas educacionais desenvolvidas no território Xukuru do Ororubá evidencia que a educação funciona como um instrumento fundamental para a tentativa de resgate e de transmissão da identidade e da memória dos povos originários. Entre as iniciativas identificadas, destacam-se os materiais pedagógicos produzidos por educadoras das aldeias de Pedra d'água e Santana, especialmente pela professora Marciene Olegário da Silva, por meio do projeto denominado EIXO - Educação Indígena Xukuru do Ororubá. As produções "*Xukuru: Filhos da Mãe Natureza"* e *"Meu Povo Conta"* representam esforços de sistematização e compartilhamento dos conhecimentos tradicionais, sendo uma clara contribuição para que as novas gerações tenham acesso às narrativas, aos valores e vivências de seu povo. Ademais, soma-se a essas iniciativas a elaboração de um livro que foi dedicado, especialmente, aos anciãos Xukuru do Ororubá, cujo propósito se relaciona ao reconhecimento daqueles que preservam e transmitem os saberes ancestrais, sintetizando, a partir do lema "nada sobre nós sem nós", a importância do protagonismo indígena na construção de práticas pedagógicas. Por fim, destaca-se o trabalho de resgate de vocábulos da língua brobo, por meio de usos cotidianos como saudações (Bremen que significa "bom dia"), de jogos e por meio de projetos, a exemplo do "Saberes indígenas", que é um projeto voltado para o fortalecimento de saberes dos povos Xukuru, dentre os quais encontra-se a língua materna.

ISSN: 2358-8829

Essas práticas pedagógicas reforçam e reafirmam a importância da promoção de uma educação escolar indígena construída a partir da perspectiva descolonial, ou seja, a partir do lugar social dos próprios indígenas, valorizando-se as suas referências culturais. Sob esse viés, os indígenas não são vistos apenas como um objeto de estudo, mas sim como protagonistas da sua história e da produção e circulação do saber. Afinal, como afirmou a professora do território, a natureza e a memória dos anciãos constituem-se como materiais pedagógicos ricos para o processo educativo e formativo dos estudantes.

Essas ações, associadas ao uso de elementos simbólicos, como o maracá e a barretina, ao resgate das cantigas de Toré e à realização de atividades lúdicas, evidenciam estratégias de transmissão intergeracional dos conhecimentos e de fortalecimento do sentimento de pertencimento. A criação da maleta pedagógica "*O contato do índio com a natureza"*, disponibilizada à Biblioteca Municipal de Pesqueira, também representa uma possibilidade de ampliar a circulação desses conhecimentos e promover o reconhecimento da cultura indígena no contexto escolar do município, não restringindo os conhecimentos históricos e culturais somente ao território.

As entrevistas semiestruturadas e as discussões acompanhadas também permitiram compreender alguns dos desafios enfrentados pelo povo Xukuru no âmbito sociopolítico, entre eles destacam-se o combate à disseminação de notícias falsas (*fake news*) e as pressões de natureza política e econômica por seus adversários. O atual prefeito da cidade de Pesqueira, Cacique Marcos, e seu presidente da Câmara Municipal, Guilherme Araújo, são exemplos da incorporação de uma nova cosmovisão às práticas políticas, pautadas na coletividade e na ancestralidade. Essa perspectiva assume um papel fundamental na organização comunitária e na continuidade das lutas pela garantia de direitos, pelo reconhecimento da identidade indígena e pela preservação do território.

A visita à 26ª Assembleia do Povo Xukuru do Ororubá, realizada entre os dias 17 e 20 de maio de 2026, no Espaço Mandaru, localizado na Aldeia Pedra D'água, possibilitou compreender como a comunidade valoriza suas manifestações culturais para preservar a identidade e a memória coletiva, além de evidenciar sua capacidade de articulação na organização do evento. Em homenagem ao antigo cacique Xicão, a primeira Assembleia do povo Xukuru surgiu em 2001 com o objetivo de criar um espaço de debate, discussões e construção coletiva sobre os problemas que atingem os povos originários no país.

Entre as atividades realizadas durante a assembleia de 2026, destacaram-se as palestras conduzidas por mulheres Xukuru, as rodas de conversa sobre o uso medicinal

ISSN: 2358-8829

de plantas na Casa das Sementes, as produções audiovisuais realizadas pela própria comunidade e a apresentação teatral do Grupo Mandaru sobre o cacique Xicão, importante símbolo de luta e resistência do povo Xukuru. Essas manifestações demonstram o protagonismo indígena na preservação e na transmissão de seus conhecimentos, contribuindo para a continuidade das tradições e para o fortalecimento dos vínculos entre as diferentes gerações.

Nesse contexto, a cultura ultrapassa a dimensão das manifestações tradicionais, assumindo também um papel político e educativo. As atividades desenvolvidas durante a Assembleia constituem espaços de compartilhamento de saberes, valorização da memória e reafirmação da identidade coletiva. Além disso, a participação ativa dos integrantes da comunidade na produção e na divulgação de suas próprias narrativas evidencia a importância de reconhecer os povos indígenas como protagonistas na construção de suas histórias e na representação de suas experiências.

Dessa forma, a experiência proporcionada pela pesquisa de campo evidenciou que a atuação política, as práticas educativas e as manifestações culturais do povo Xukuru do Ororubá estão profundamente interligadas, constituindo elementos essenciais para a resistência, a preservação da memória coletiva e o fortalecimento da identidade indígena. A organização comunitária, o protagonismo de suas lideranças e a valorização dos saberes ancestrais demonstram que a luta por direitos vai além da dimensão territorial, abrangendo também a defesa da cultura, da história e da autonomia do povo. Assim, reconhecer essas experiências significa entender os povos indígenas como sujeitos ativos na construção de suas próprias narrativas e na transformação da sociedade, reafirmando a importância de combater preconceitos, desinformações e tentativas de silenciamento, para que suas tradições, seus conhecimentos e suas lutas permaneçam vivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração que uma parcela significativa da sociedade desconhece ou ignora o modo de vida dos povos Xukuru, sua identidade étnica e seus aspectos culturais; levando em consideração a existência de diversos estigmas sociais, frutos desse processo de apagamento cultural imposto pelo padrão de poder colonial, o presente trabalho apresenta-se como um importante instrumento para o processo de desmistificação de preconceitos, ao colocar em evidência aspectos relacionados às

práticas educativas, linguísticas, religiosas e culturais que ainda se encontram preservadas nas aldeias Pedra D'água e Santana. Práticas essas que têm proporcionado a (re)atualização da memória e da identidade do povo Xukuru de Ororubá de geração a geração.

Portanto, espera-se que a presente pesquisa, de alguma forma, contribua para o (re)conhecimento e, sobretudo, para a valorização da diversidade étnico-racial do Brasil. Espera-se, ainda, que o trabalho possa sensibilizar os estudantes e o público envolvido para a compreensão das condições de produção das práticas culturais, religiosas, linguísticas e educativas nos territórios de que nos aproximamos, construindo olhares para a diversidade que estejam pautados no diálogo com a diferença e na valorização dos saberes e das subjetividades dos povos originários.

Palavras-chave: Povo Xukuru; Memória indígena; Identidade; Decolonialidade

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 22 de junho de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 7, 25 jun. 2012.

BURKER, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKER, Peter (Org.) **A Escrita da história**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

MIGNOLO, Walter D. Novas reflexões sobre a "idéia da América Latina": a direita, a esquerda e a opção descolonial. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 239-252, maio/ago. 2008.

MAGALHÃES, Guilherme Araújo Marinho. **O povo Xukuru do Ororubá e as relações com o Estado brasileiro**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES/UNITA), Caruaru, 2017.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13–37, 1996.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais:** perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em:http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-ur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 29 out. 2026.